

Greve marca um ano da explosão no México	01
Resistem os trabalhadores da DaimlerChrysler	03
Gás natural - Acordo de companheiros	04
Companhias indianas pagam um preço por se internacionalizarem	04

## INTERNACIONAL

### Greve marca um ano da explosão no México

Milhares de mineiros mexicanos fizeram um dia de greve para marcar o aniversário de uma explosão subterrânea que matou 65 pessoas e trouxe muitas dúvidas sobre a segurança da exploração mineral no México.



Parentes dos trabalhadores vitimados celebraram uma Missa e fizeram uma passeata fora dos portões da mina de carvão de Pasta de Conchos nesta segunda-feira, 19 de fevereiro, reafirmando suas exigências de melhores condições de trabalho e pela retirada dos corpos das vítimas um ano depois da explosão.

“Nós exigimos mais recursos das companhias mineradoras e do governo federal porque ainda não melhoraram as condições de segurança nas minas” disse o bispo Alonso Garza da cidade de Piedras Negras .

Cerca de 1000 parentes e amigos das vítimas fizeram uma vigília durante toda a noite , carregando velas e soltando, às 2:15 - hora da explosão, 65 balões brancos.

A greve de um dia em memória das vítimas atingiu siderúrgicas e minas de prata no México. A maioria dos grevistas apoiavam o líder sindical Napoleon Gomez Urrutia, que classificou a tragédia de “homicídio industrial”.

Durante este ano pouco foi feito para melhorar as condições de trabalho e de segurança nas minas mexicanas. Existem poucos inspetores ainda, e funcionários do Estado de Coahuila dizem que foi a corrupção entre os fiscais que impediu a implantação dos padrões internacionais de segurança.

Em janeiro um mineiro de carvão foi soterrado e quatro feridos depois do desabamento numa mina em Nueva Rosita, uma cidade nas vizinhanças de San Juan de Sabinas.

Ainda não existe um resultado oficial sobre as causas da explosão em pasta de Conchos, mas investigadores encontraram problemas no sistema de ventilação e alguns mineiros disseram que os detetores de gás desenhados para fecharem automaticamente as minas em caso de situações perigosas eram desativados pelos trabalhadores.

Um procurador estadual especial está recomendando acusações de homicídio por negligencia para 11 dirigentes da mina e inspetores federais.

No domingo, o governador de Coahuila, Humberto Moreira, disse que ele foi pressionado pelo ex-presidente Vicente Fox para encobrir a culpa dos inspetores federais e para acusar "pessoas inocentes" pela tragédia. Moreira fez seus comentários em resposta a um informe do congresso que foi vazado para imprensa e que responsabiliza as autoridades estaduais pelas falhas de segurança. O pretense autor do documento, o congressista Armando Lopez, disse que a sua assinatura foi falsificada.

O Grupo México, um gigante da mineração e das ferrovias com operações no México, no Peru e nos Estados Unidos, insiste em negar sua responsabilidade na insegurança da mina. Ela alega que enquanto o ponto da explosão não for atingido, as causas do desastre não podem ser esclarecidas. A companhia não pretende continuar a exploração da mina depois da recuperação dos corpos. *(com material da Associated Press)*

## Explosão de mina no México completa um ano

Na última segunda-feira, 19/2, completou-se um ano da explosão na mina em Pasta de Conchos, no México, quando 65 trabalhadores perderam a vida após trabalharem sob pressão da empresa.

Nesta semana, 15, delegações da FITIM (Federação Internacional dos Trabalhadores Metalúrgicos), da USW (União dos Trabalhadores Metalúrgicos - EUA e Canadá) e da AFL-CIO (Federação Trabalhista Americana-Congresso de Organizações Industriais) se reuniram com representantes do Sindicato dos Mineradores do México para prestar solidariedade aos familiares das vítimas.

A mineradora faz parte do Grupo México, que, à época do acidente, limitou o acesso à mina, e, segundo familiares das vítimas, a empresa prestou informações contraditórias e intimidou as famílias. Parentes das vítimas dizem que a empresa procura reduzir suas obrigações de pagamentos de indenizações.

Segundo relatório da FITIM feito após a explosão, 40 dos mineiros falecidos eram empregados subcontratados. Eles sentiram a presença do gás metano, mas foram pressionados pela empresa a descerem na mina, sob ameaça de perderem seus empregos. A FITIM, que representa mais de 25 milhões de trabalhadores no mundo, fez queixa na Organização Internacional do Trabalho (OIT) contra o governo mexicano, citando as violações da convenção 87 da OIT.

Perseguição a dirigente sindical - Durante a visita, a delegação solicitou ao governo mexicano respeito à autonomia sindical e o reconhecimento de Napoleón Gómez Urrutia como líder democraticamente eleito do Sindicato dos Mineradores.

De acordo com o relatório da delegação da FITIM no México, Gómez acusou a mineradora e o Ministério do Trabalho mexicano de 'assassinato industrial', indicando que a comissão de inquérito já havia constatado problemas de segurança nessa mina alguns meses antes do acidente.

A denúncia foi confirmada pela 'Comissão Nacional de Direitos Humanos', que culpou o Ministério do Trabalho de ter negligenciado seu dever de supervisão, sendo que as autoridades estavam a par de que as regras de segurança não eram respeitadas na mina. Em julho de 2004 funcionários do Ministério do Trabalho revelaram 48 problemas durante uma inspeção da mina, e nenhum desses foram eliminados até o acidente, informa a declaração da Comissão que acusa a empresa de não ter se esforçado em recuperar os corpos dos mortos.

Gómez foi tirado a força do cargo no Sindicato depois de criticar o governo mexicano e a companhia mineradora Grupo México, em resposta às violações brutais de saúde e segurança na mina de Pasta de Conchos. O governo determinou um novo secretário geral e apreendeu todos os recursos do Sindicato e de Gómez. *(CUT, 20.02.2007)*

## Resistem os trabalhadores da DaimlerChrysler

Trabalhadores na Chrysler dos EUA, Canadá e Alemanha, reagem às demissões

Para Valter Sanches, secretário geral da Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM/CUT) e representante brasileiro no Comitê Mundial dos Trabalhadores na DaimlerChrysler, a empresa segue a tendência de outras montadoras como Ford e GM, para sempre demitir sob a alegação de reestruturação.



Sanches lembra que em 2001, 26 mil trabalhadores da companhia foram demitidos, sob o mesmo argumento. Em maio, haverá uma reunião do comitê mundial dos trabalhadores da DaimlerChrysler, onde será discutido como enfrentar estas constantes reestruturações.

Na planta da empresa em São Bernardo, são produzidas peças e agregados para veículos da Chrysler que são vendidos EUA e México. 'Caso a reestruturação na América do Norte afete o Brasil, iremos mobilizar os trabalhadores e negociar com a empresa para evitar demissões, embora a situação de produção aqui seja hoje bastante favorável', disse Sanches. (Assessoria de Imprensa da CNM/CUT, 15.02.2007)

Leia abaixo, a declaração conjunta da UAW, CAW e IG Metall sobre as demissões na Chrysler:

A DaimlerChrysler Corporation decidiu reduzir significativamente os empregos no Grupo Chrysler na América do Norte. Na situação atual, a indústria encara uma enorme e extrema pressão, incluindo acordos de comércio e política que falharam nos EUA e Canadá. As reduções envolvem uma pressão adicional aos empregados da Chrysler, suas famílias, comunidades e todos aqueles que estão impactados direta ou indiretamente. Junto ao UAW e a CAW, a os representantes de trabalhadores da IG Metall no Conselho de Supervisão exigem uma estratégia de crescimento sustentável para o Grupo Chrysler, que enfatize a segurança de trabalho ao invés de redução de funcionários.

Nós exigimos que a redução de empregados sejam realizadas com um programa socialmente responsável, que respeite os acordos coletivos e que tenha consideração com a necessidade dos trabalhadores e de suas famílias. Sob as condições financeiras necessárias para suportar esses programas que foram aprovados pelos representantes dos trabalhadores no Conselho Supervisor.

Erich Klemm

WEC and EWC Chairman

### GM negocia aquisição da Chrysler

A General Motors está negociando com a DaimlerChrysler a aquisição da divisão americana da montadora, a Chrysler, segundo fontes ouvidas pela publicação "Automotive News". Ainda de acordo com o periódico, as conversas estão no estágio inicial.

"Rotineiramente conversamos com outras montadoras sobre áreas de interesse mútuo", disse a porta-voz da GM Renée Rashid-Merem, que não deu mais detalhes sobre a conversa. Mike Aberlich, porta-voz da Chrysler, não quis emitir qualquer comentário. As duas montadoras já negociam possível atuação conjunta na elaboração de projetos para novos modelos, como utilitários esportivos.

Os rumores de venda da Chrysler se acentuaram depois que o principal executivo da DaimlerChrysler, Dieter Zetsche, não descartou a venda total ou parcial da unidade americana. "Todas as opções estão sobre a mesa", afirmou na quarta-feira.

## Gás natural - Acordo de companheiros

Evo Morales e Lula chegam a um acerto sobre o gás satisfatório para ambas as nações

Rufaram em vão os tambores daqueles políticos e comentaristas dispostos a chamar o povo brasileiro às armas para defender alguns centavos a mais no dividendo da Petrobras, ou a menos na conta do gás.



Por um aditivo ao contrato, os preços dos componentes mais nobres do gás – etano, propano e nafta – serão ponderados de acordo com o poder calorífico do gás, se este ultrapassar as 8.900 quilocalorias por metro cúbico. Na prática, o aumento será de 3% e 4% sobre os atuais pouco mais de 4 dólares por milhão de BTUs, se a composição se mantiver. Se a Bolívia retirar tais frações do gás para produzir termoplásticos com investimento venezuelano (ou brasileiro da Braskem), reduzirá o preço pago pelo Brasil.

Em tese, é um acréscimo da ordem de 50 milhões de dólares à receita boliviana (1,26 bilhão de dólares em 2006). Bem menos que os 25% ultimamente reivindicados por La Paz para igualar os 5 dólares fechados com a Argentina – para não falar dos 2 dólares a mais que os bolivianos chegaram a pedir no início das negociações, com base no preço do gás importado por via marítima. Na prática, apenas compensará um reajuste trimestral negativo de 4% devido à queda dos preços do petróleo, sem afetar o preço ao consumidor.

Além disso, a usina termoeletrica da Shell e Prisma Energy no Mato Grosso, que pagava 1,19 dólar – um acordo que os ministros Celso Amorim e Silas Rondeau reconheceram ser economicamente desequilibrado –, pagará o preço normal a partir de 15 de abril. São 44 milhões de dólares anuais, a repassar aos consumidores do Centro-Sul com um acréscimo de 0,2% nas contas de luz. Não é um preço alto a pagar por um vizinho politicamente estável, confiável como fornecedor e cliente potencial de mais mercadorias e serviços brasileiros. (Redação) (*Carta Capital*, 19.02.2007)

### Companhias indianas pagam um preço por se internacionalizarem

Na tentativa frenética de atuar no mercado internacional, as companhias indianas estão sacrificando uma das suas vantagens mais árduas de se conseguir - as altas margens de lucro.

Tendo passado grande parte dos últimos dez anos reestruturando a dívida e reduzindo penosamente a força de trabalho, companhias como a Tata Steel, que no mês passado pagou 6,7 bilhões de euros (US\$ 13 bilhões) pela rival anglo-holandesa Corus, conseguiram uma margem de lucro de mais de 40%. Mas após a fusão com a Corus, essa margem ficará bem abaixo dos 20%. E esse número já é significativamente menor caso se leve em conta as outras recentes fusões estrangeiras da companhia em Cingapura e na Tailândia.

A Hindalco Industries, a produtora de alumínio que concordou em pagar US\$ 6 bilhões pela Novelis, do Canadá, será ainda mais afetada. A Novelis registrou um prejuízo no terceiro trimestre do ano passado, comparado com a margem de lucro de 29,2% da Hindalco no trimestre junho-setembro.

A Suzlon Energy, a rentável fabricante indiana de equipamentos de energia eólica, está tentando comprar a Repower, da Alemanha, que conta com uma margem de lucro estimada em 4%. As companhias indianas esperam reduzir as despesas conjugando as suas bases de baixo custo na Índia com o acesso aos mercados de altos preços dos seus alvos ocidentais para aquisições.

Mas a concretização dos benefícios integrais dessas sinergias levará tempo - pelo menos três anos no caso da Tata Steel e da Hindalco. Nesse ínterim, os investidores estão demonstrando disposição de observar se a experiência funciona, conforma se constatou com as quedas acentuadas dos preços das ações das três companhias nos últimos dias. (*Financial Times*, 13.02.2007)